

A BATALHA DE ARGEL¹

Robert J. Kee

Três mortos. Vinte feridos. Edifício demolido. Assim reza o relatório datado de 30 de setembro de 1956 sobre o primeiro ataque terrorista da Frente de Libertação Nacional (FLN), na cidade de Argel, na então Argélia francesa. A cena ocorreu no Café Métropole, um lugar de encontro de argelinos, tanto de origem europeia, quanto árabe. Despercebidamente, um terrorista da FLN havia entrado, feito seu pedido e partido, deixando um pacote de aparência inocente. Com uma explosão terrível, a guerra havia chegado.

Com início em setembro de 1956, a FLN, através do terror, paralisou progressivamente a cidade. Por volta de janeiro de 1957, o controle havia sido virtualmente arrancado das mãos da administração civil francesa. Reconhecendo o fato de que as autoridades locais não podiam conter a FLN, o governo em Paris deu a seguinte missão ao Exército francês: “Restaurar a ordem em Argel e destruir a organização terrorista da FLN”.

Este artigo avalia a eficiência dos métodos empregados pelo Exército francês no cumprimento dessas missões².

Estabelecendo a cena

Em 1 de novembro de 1954, quatro meses após o cessar-fogo na Indochina, os primeiros tiros da insurreição argelina ressoaram nas Montanhas Aures, cerca de 160 km ao sul da cidade de

¹Artigo publicado na Revista Coletânea L. Brasília: EsNI, ano I, n. 4, jan. 1977. p. 79-101. Tradução revista e atualizada.

² Ver também o filme “A Batalha de Argel”, de 1965, de Gillo Pontecorvo.

Constantina. Em questão de horas, a FLN atacou mais de 70 vezes — lançamento de bombas, incêndios, emboscadas e incursões contra postos policiais. Começou assim a insurreição que a maioria dos especialistas considera como sendo um modelo clássico da guerra revolucionária. Não está dentro dos parâmetros deste artigo discutir todos os aspectos da guerra franco-argelina de oito anos. O período compreendido entre novembro de 1954 a agosto de 1956 é resumido pelos seguintes acontecimentos: sucesso inicial para a FLN; reação lenta dos franceses; disputas internas e reorganização por parte dos rebeldes; reforço do Exército Francês; e, finalmente, por volta de agosto de 1956, uma situação de impasse em todo o país.

Tentando encontrar um meio de romper esse impasse, em 30 de agosto de 1956, a liderança da FLN reuniu-se no Vale de Soumman, relativamente seguro, localizado cerca de 160 km a oeste de Argel. Esta reunião reorganizou e expandiu a liderança revolucionária, formalmente designou o exército rebelde como Exército de Libertação Nacional (ELN) e criou uma estrutura de comando e estado-maior. Como um passo na direção de uma rápida vitória, a liderança da FLN adotou como linha de ação uma campanha terrorista dentro da cidade de Argel. Para atingir o objetivo de rapidamente dominar Argel, a Conferência de Soumman estabeleceu uma organização terrorista independente para a cidade. O nome que lhe foi dado — Zona Autônoma de Argel (ZAA) — é geralmente considerado como um exemplo clássico para a estruturação de um movimento de insurreição urbana. Como esta seria a organização que o Exército francês teria que destruir, para cumprir com êxito a sua missão de restaurar a ordem na cidade, merece um exame mais minucioso.

A ZAA era dirigida por um conselho de quatro membros: o líder político-militar; o auxiliar; o assistente militar; e o assistente de ligação externa e imprensa. Teoricamente iguais, o líder político-militar era, na realidade, o membro predominante. A cidade foi dividida em três regiões e estas subdivididas em 10 seções. Finalmente, estas 10 seções foram repartidas em 34 distritos. Cada

distrito tinha sua própria organização política, cuja finalidade era a coleta de impostos, suprimentos, Inteligência e a doutrinação da população.

A estrutura baseava-se na meia célula de três homens, na célula, no meio grupo, no grupo, e no sub-distrito. Normalmente, com 127 homens, todos ficavam sob o controle do líder de distrito.

A organização militar do distrito, cuja finalidade era a proteção da FLN e a realização de missões terroristas, consistia de 35 homens. O comandante do distrito e seu subcomandante chefiavam três grupos armados, cada um com um líder e três células de três homens cada.

Um elemento importante e final da organização da ZAA era a sua rede de lançamento de bombas, diretamente subordinada ao Conselho Zonal. Conservada afastada de outros elementos da organização, a rede compunha-se de diversos ramos bastante compartimentados. Cada um desses ramos ligava-se apenas com o chefe da rede através de um sistema de caixas postais.

Desta forma, por volta de janeiro de 1957, a organização terrorista em Argel compreendia aproximadamente 1.200 homens armados (ELN) e 4.500 pessoas pertencentes à FLN. Opondo-se a essa força formidável havia somente 1.000 policiais municipais apenas equipados para combater criminosos comuns em tempo de paz. Surpreendida por um adversário, que desconhecia totalmente, a polícia não pôde resolver a situação. À proporção que pioravam as condições em Argel, o governo francês foi forçado a uma decisão difícil: deveria o terror ser combatido por meios comuns ou pelo contra-terror? A intervenção, em último caso, pelo Exército Francês, era indesejável, mas inevitável.

O papel do terror

A *conditio sine qua non* para o sucesso na guerra revolucionária é que, para obtê-lo deve-se conquistar os corações e mentalidades do povo. Um corolário disso poderia ser se você deseja

impor a sua vontade a outro: faça com que ele tema por sua própria vida. Essa era a filosofia por trás da campanha de terror urbano desenvolvida pela ZAA. Na rua, no trabalho, em casa, o cidadão de Argel vivia continuamente sob a ameaça de morte violenta. Frente a esse perigo permanente, ele tinha o sentimento deprimente de ser um alvo isolado e indefeso. O fato de que as autoridades não mais podiam garantir a sua segurança, aumentava o seu desânimo. Perdendo a confiança no Estado, era mais e mais levado para o lado dos terroristas — os únicos que pareciam poder garantir a sua segurança.

Os objetivos declarados da ZAA em sua campanha de terror eram:

Primeiro: Forçar os muçulmanos francófilos e aqueles que serviam com funcionários governamentais a se voltarem contra os franceses. Isto foi conseguido através de numerosos casos de mutilação e assassinato. Por volta de janeiro de 1957, a oposição à FLN foi eficientemente silenciada e a administração francesa perdeu o apoio de grande parte da população muçulmana. Como benefício complementar, o prestígio da FLN aumentou, porque um terrorismo dessa natureza oferecia provas tangíveis da sua eficiência.

Segundo: Criar uma atmosfera de ansiedade e desconfiança entre *colons* (argelinos de origem européia) e muçulmanos. Isto foi conseguido pelo bombardeio e fuzilamento indiscriminado de *colons*. As duras contramedidas da polícia francesa — antagonizaram ainda mais a população muçulmana e aprofundaram a brecha entre as duas comunidades.

Talvez o terrorismo possa ser definido como a utilização sistemática da intimidação para finalidades políticas. Esta definição parecia ajustar-se a situação argelina. Embora não declarado, pode-se supor que um objetivo posterior da campanha era persuadir o governo francês de que havia se tornado demasiado dispendioso manter a Argélia. Além disso, uma campanha terrorista atrairia a atenção mundial e possivelmente obteria um apoio externo adicio-

nal para a causa rebelde. Certamente, provocaria discórdia no debate político francês.

A eficiência geral da campanha de terror em Argel é bem conhecida. No início, entre setembro e dezembro de 1956, houve uma média de 100 incidentes por mês. Quando se considera que cada ataque teve o efeito de aterrorizar não apenas as vítimas, mas também as milhares de pessoas que liam a respeito dos incidentes nos jornais, pode-se verificar a eficácia do terror urbano. A eficiência da rede de terror da ZAA pode ser estimada pelo fato de que, durante os primeiros quatro meses de campanha, nenhum terrorista foi preso pela polícia francesa. Este fato não passou despercebido à população muçulmana da cidade.

Assim, por volta de janeiro de 1957, Argel estava quase caindo nas mãos da FLN. Em virtude da incapacidade da polícia municipal de conter a maré da FLN sobre a cidade, a missão de restaurar o controle da França sobre Argel foi dada ao Exército. Este compreendeu que, se o objetivo da guerra revolucionária é o controle da população, o primeiro objetivo deve ser garantir a segurança dessa população contra atos terroristas. A ZAA, por sua vez, sabia que o terrorismo é a única ação que o revolucionário urbano nunca pode abandonar. O palco estava assim armado para o que a História passou a chamar de “A Batalha de Argel”.

A greve

Com o terrorismo em Argel tendo atingido graus sem precedentes, a FLN decidiu testar o seu domínio sobre o povo. Uma greve geral foi anunciada para 28 de janeiro de 1957. A população foi informada de que a greve duraria oito dias, que durante a greve todos os muçulmanos deveriam permanecer em casa, que todas as lojas deveriam permanecer fechadas e que todas as infrações seriam punidas, inclusive com a morte. Além de demonstrar o controle da FLN sobre o povo de Argel, a greve deveria chamar a atenção da Assembléia-Geral das Nações Unidas quanto ao pro-

blema argelino. Contudo, uma nova cartada seria jogada pelos franceses.

Em 8 de janeiro de 1957, a 10ª Divisão Pára-Quedista, tropa de elite, sob o comando do General-de-Brigada Jacques Massu, recebeu a missão de restaurar a ordem em Argel. Três dos quatro grupamentos de combate da Divisão imediatamente se deslocaram para a cidade. O quarto permaneceu em reserva fora dos limites urbanos. Não estando bem preparada para esse tipo de operação, a divisão experimentou um período inicial de hesitação em relação a que métodos deveria empregar no cumprimento de sua missão. Entretanto, não podendo deixar a iniciativa nas mãos do inimigo, Massu decidiu que a propalada greve geral seria esmagada. Em 14 de janeiro de 1957, declarou:

“No caso de uma greve, todas as lojas permanecerão abertas. Se necessário, serão abertas a força e, nesse caso, a segurança da mercadoria não pode ser garantida”.

Em 18 de janeiro, afirmou: “Argel será cercada, compartimentada, rigorosamente controlada, isto é, protegida e desinfetada”. Estava claro que uma nova liderança chegara a Argel.

Entretanto, recuar em face deste novo comandante resultaria numa perda de prestígio inaceitável para a ZAA e, em 28 de janeiro, uma greve geral na cidade de Argel foi declarada. No primeiro dia, a greve experimentou um certo sucesso. No segundo, a eficiência da greve foi acentuadamente reduzida. No terceiro dia, houve apenas uma participação mínima. No quarto dia, de acordo com as palavras de Massu, a greve havia sido esmagada. E o que é mais importante, a organização da ZAA havia começado a se desintegrar e, em pouco mais de duas semanas, seria tornada impotente. Por volta de 14 de fevereiro, 23 pistoleiros, 51 chefes de células terroristas e 174 coletores de impostos da FLN haviam sido presos. De forma significativa, a liderança da ZAA havia sido forçada a fugir para a Tunísia. No final de março, o controle total de Argel estava novamente nas mãos dos franceses. Nas palavras de um dos líderes da FLN: “A organização que tão penosamente

conseguimos construir foi destruída”. Como esta notável reviravolta ocorreu?

Métodos do tigre

Dois dias após assumir a responsabilidade por Argel, Massu recebera autoridade policial total. Assim armadas, as tropas da 10ª Divisão Pára-quedista começaram a intimidar, interrogar, estabelecer processos de controle estrito da população, instalar seus próprios agentes entre a população, e planejar diversas técnicas novas de guerra anti-revolucionária urbana. Consideremos mais pormenorizadamente estes métodos:

- **Interrogatório** - O rompimento inicial da infra-estrutura da ZAA ocorreu quase por acaso. Após diversos dias de um patrulhamento essencialmente ineficaz pelos pára-quedistas, uma sentinela foi morta a tiro, quando de guarda no posto de comando de um dos grupamentos de combate da 1ª Divisão. Furioso, o Coronel Bigeard tomou medidas drásticas. Uma faixa do Casbah, o território muçulmano encravado em Argel, foi isolada. Literalmente, os primeiros 100 homens que as tropas do Coronel Bigeard encontraram foram trazidos ao PC do grupamento e interrogados. Como se poderia esperar, esses homens não deram muitas respostas. Entretanto, dez dos mais prováveis foram selecionados e interrogados com mais rigor. (A questão da tortura será discutida posteriormente). Destes dez, dois cederam e informaram sobre uma célula da FLN. Iniciava-se o fim da ZAA.

O Coronel Bigeard começou a organizar todo o seu grupamento de acordo com a estrutura de um órgão de Segurança Interna. Centros de interrogatório foram estabelecidos em cada uma das seis companhias. O comandante de companhia era o interrogador-chefe, com o concurso de seu subcomandante e sargentos auxiliares dos pelotões. Grupos de combate ficavam de prontidão para explorar imediatamente qualquer informação obtida pela unidade de interrogatório. No PC do grupamento, o S2

coordenava as atividades das seis companhias. Notando a eficiência da unidade de Bigeard, Massu ordenou que todos os grupamentos adotassem esse sistema. Embora operando durante 24 horas diárias, deve-se observar que a maioria das prisões ocorreu durante a noite. Isto reduzia a possibilidade de qualquer aviso que atingisse o membro da ZAA exposto, e também diminuía a probabilidade de qualquer reação adversa por parte dos muçulmanos não envolvidos.

• **Intimidação** - Como mencionado acima, Massu havia declarado que a segurança de quaisquer lojas que participassem da greve geral não poderia ser garantida. De acordo com as suas palavras, diversas lojas que ficaram fechadas em 28 de janeiro foram arrombadas pelas tropas francesas e realmente saqueadas. Este terrível uso da força mostrou claramente aos proprietários que, independentemente de suas tendências políticas, corriam um grande risco financeiro cooperando com a ZAA. Não é surpreendente que o número de lojas fechadas em 29 de janeiro fosse significativamente menor do que em dias anteriores.

Além disso, Massu suspendeu todos os direitos legais de qualquer um que fosse preso, e o menor sinal de resistência ao soldado francês era base suficiente para prisão. Uma vez preso, o muçulmano sabia que, após um interrogatório completo, estava sujeito à detenção indefinida em um dos diversos Campos de Re-educação recentemente criados. O impacto destas novas regras do jogo não deixou de influenciar mesmo os não solidamente vinculados à ZAA.

• **Controle da População** - Embora o fato de que o QG da ZAA estivesse localizado na Casbah fosse de conhecimento geral, os franceses haviam obtido pouco êxito em penetrar nesta parte mais antiga da cidade. Com uma população de mais de 80.000 habitantes, a Casbah, um labirinto de ruelas estreitas e casas interligadas, havia demonstrado ser virtualmente impenetrável a operações policiais normais. Com as primeiras rupturas da organização da ZAA, entretanto, Massu deslocou-se a fim de isolar essa parte da cidade.

O seu primeiro passo foi cercar a Casbah com tropas e permitir a entrada e a saída apenas em pontos específicos. Permanecer em longas filas de modo a ter os seus cartões de identidade verificados, logo se tornou uma forma de vida para os habitantes do Casbah. Uma vez que este sistema começou a funcionar, Massu pôde empregar eficientemente os informantes muçulmanos que estavam começando a aparecer. Guardados por tropas francesas, os informantes permaneciam nos pontos de controle de entrada ou de saída. Quando um homem que era conhecido pelo informante como pertencendo à ZAA passava pelo ponto de controle, era indicado e preso. Para evitar represália, o informante ficava normalmente coberto por uma manta de modo que a sua identidade permanecesse secreta. Além de serem irritantes para a maioria dos muçulmanos, as longas filas de entrada e saída mostraram ser fatais para muitos membros da ZAA.

Junto com o isolamento da Casbah, houve um censo e a expedição de novos cartões de identidade. Foram distribuídos livretos a cada família de modo a facilitar o controle de casa a casa, e o chefe da família era responsável pela comunicação das mudanças posteriores. Este procedimento foi uma importante fonte de Inteligência, porque o censo indicava o parentesco mútuo. Como na maioria das outras insurreições, a adesão à causa rebelde muitas vezes era de acordo com a linha de parentesco. Como era de esperar, os membros da ZAA tentavam falsificar os dados que forneciam ao encarregado do censo. Para impedir esta prática, Massu exigia que todos os homens sujeitos ao censo fossem abonados por dois fiadores que não pertencessem à sua família. Estes fiadores eram responsáveis, sob penalidades severas, pela veracidade de suas declarações. Uma outra medida adotada foi a de considerar como delito grave o fato de um indivíduo não possuir um cartão de identidade válido. Uma importante vantagem obtida com esta providência foi a de dar a todos os muçulmanos um alibi no caso de serem pressionados pela ZAA por terem participado do censo francês.

Uma vez realizado o censo, Massu pôde instituir o seu Sistema *Ilot*. Sob este sistema, uma pessoa em cada família era responsável por saber a localização de todos os seus membros. O chefe de cada família era responsável perante um chefe de pavimento (em um edifício de apartamento), que, por sua vez, era responsável perante o chefe do edifício. A cadeia se estendia através de uma série de líderes de quarteirão, de distrito e assim por diante. Empregando esta técnica, os militares franceses podiam determinar, em minutos, o paradeiro de qualquer um dos 80.000 habitantes da Casbah.

• **Agentes** - Embora os métodos mencionados acima fossem bem eficientes para a obtenção de informes sobre a ZAA, Massu desejava um sistema mais ativo. Tomou, portanto, prontamente medidas para estabelecer uma rede de informantes clandestinos. Com o rápido aumento da eficiência das forças francesas em proteger a população, os informantes começaram a aparecer em número cada vez maior. Pelo final de fevereiro de 1957, um grande número de muçulmanos trabalhava ativamente como agentes para o Exército francês. Essa rede funcionava como se segue. O Agente A, no edifício de apartamentos, relatava os fatos de interesse ao Agente C. O Agente B também vivia no edifício, mas ligava-se com o Agente D. Os Agentes A e B não sabiam, mutuamente, que o outro era membro da rede de informantes de Massu. O mesmo acontecia com os Agentes C e D que se ligavam ao agente E. Assim, o sistema progredia subindo a hierarquia da rede. Este *modus operandi* foi eficiente em descobrir qualquer possível agente falso, porque Massu tinha dois agentes independentes em cada nível. Qualquer traição, em geral, era rapidamente detectada e, inversamente, muito poucos agentes, identificados pela ZAA. Esta rede constituía uma arma muito potente no arsenal anti-insurreição de Massu.

• **Quadriculação**. Com os seus métodos de controle da população funcionando bem e com sua rede de informantes começando a atuar, Massu decidiu que estava na hora de partir para a ofensiva. A tática empregada foi a da Quadriculação. Basicamente,

esta técnica consistia em destacar unidades de combate para cada nível de administração civil, (por exemplo, um distrito poderia ter um pelotão, uma região teria uma companhia e assim por diante). A missão dessas unidades era dar segurança para permitir o funcionamento normal da administração civil. Embora fosse dada ênfase a segurança, as tropas de quadriculação conduziam também operações de guerra psicológica. A quadriculação tentava colocar as tropas francesas até o último homem em contato direto com os muçulmanos, transformando cada um em uma espécie de embaixador junto a população muçulmana. As unidades remodelaram escolas, criaram clínicas e patrocinaram orfanatos. Foram organizadas equipes especiais para propiciar trabalho e alojamento aos milhares de refugiados que se aglomeravam em favelas. Essas equipes procuravam também reforçar os serviços sociais e mobilizar a população para servir a causa francesa. Chamadas de Seções Administrativas Urbanas (SAU), essas unidades serviam como intermediárias entre as unidades de combate e a população muçulmana. Assim, constituíam parte muito importante do Sistema de Quadriculação.

Entretanto, a missão principal das tropas de quadriculação continuava sendo a segurança do distrito. Era cumprida através de patrulhamento constante, da guarda de locais de negócio e edifícios essenciais, e do emprego de uma tática conhecida como operação de esquadrinhamento: durante a noite, uma casa, edifício de apartamentos, ou um quarteirão inteiro era cercado e uma busca completa era realizada. A operação poderia ter sido provocada por informes ou o alvo escolhido ao acaso. De qualquer forma, quem parecesse suspeito era preso e levado ao PC da companhia para interrogatório. Esta técnica muitas vezes prejudicava os objetivos do programa de ação cívica, mas eram feitos todos os esforços para que as pessoas compreendessem que estas medidas severas não tinham outra finalidade senão a rápida destruição do inimigo, melhorando assim a situação de segurança do distrito.

O Sistema de Quadriculação teve um efeito tremendo sobre a organização da ZAA. Embora exigisse um grande efetivo, conte-

ve com eficiência a expansão da ZAA e propiciou um alto grau de segurança a todos os cidadãos de Argel.

• **Tortura** - As operações realizadas contra uma organização de terrorismo urbano são muitas vezes baseadas em Informações oportunas. Em Argel, onde o tempo era em geral crítico, os métodos de interrogatório, que se baseavam em recompensas, patriotismo, suborno e mesmo ameaças como incentivo, mostraram ser demasiado lentos. A solução desse problema foi, em muitos casos, submeter o suspeito à tortura. O fato de que a tortura foi usada em caráter geral, e não excepcional, durante a “Batalha de Argel” foi repetidamente declarado por oficiais que tomaram parte nas ações. A própria Comissão Governamental de Salvaguarda dos Direitos e Liberdade Individuais, estudando posteriormente a situação em Argel, declarou que havia encontrado provas inofismáveis de desrespeito francês às Leis da Guerra. Mas, como aplicar exatamente as Leis da Guerra a uma insurreição urbana? O próprio Massu declarou: “A tortura deve ser condenada, mas gostaríamos de ter uma resposta precise quanto a em que ponto a tortura realmente começa”. Esta dúvida pode ser melhor ilustrada pela descrição de um incidente ocorrido em fevereiro de 1957. Foi preso um terrorista que portava uma bomba. Os franceses tinham certeza que ele possuía Informações a respeito de diversos outros terroristas que estavam prontos para lançar suas bombas. O que deveriam os franceses ter feito? Dar ao terrorista alguns momentos desagradáveis ou por 300 vidas inocentes em perigo? Quando nos lembramos de que muitas famílias de oficiais franceses viviam em Argel, a dificuldade do dilema se torna evidente.

Entretanto, se é possível abusar do emprego da tortura, deve-se dizer que as tropas de Massu o fizeram. O tratamento brutal de prisioneiros, recém-capturados ou não, era muitas vezes motivado por outras considerações que não a obtenção de Informações. Os argelinos eram torturados em represália a ações da FLN como um meio de aterrorizar os rebeldes e influenciar a população.

A questão é, portanto: “Pode um exército que diz defender a sociedade ocidental e a ética humanística empregar métodos que comprometem os valores que procura manter? Pode institucionalizar a atrocidade?” A experiência de Massu em Argel indicaria que a resposta é não. Embora mostrando ser eficiente num sentido tático, o emprego permitido de tais métodos resultou em uma perturbação séria para o Exército. É de se imaginar o impacto que a política de tortura autorizada teve sobre a eficiência das equipes de guerra psicológica. Imagine-se o efeito sobre o jovem oficial recém-egresso de St. Cyr, que recebe ordem de executar sumariamente um prisioneiro e depois é instruído para declarar no relatório oficial que o prisioneiro foi morto ao tentar evadir-se. Considere-se o sentimento de degradação das tropas que administravam pancadas, torturas de água e fogo, choques elétricos, e descobriam então que o suspeito era inocente. Essas coisas ocorreram em Argel, e a consciência pesada e sentimentos de culpa resultantes, a perda de respeito por superiores e a profunda divisão de opiniões sobre a tortura, tiveram influência poderosa no estado de disciplina e moral de todo o exército. O emprego da tortura pode ter sido taticamente lógico, mas para muitos muçulmanos, a adoção de brutalidade física e psicológica sistemática pelos franceses era uma admissão de derrota em última análise.

Julgamento

Os métodos empregados por Massu foram eficientes? Se o critério de eficiência é o cumprimento da missão (como é normal em operações militares), então o veredicto é um sim retumbante. Ao final de fevereiro de 1957, a pressão sobre a ZAA era tão grande que todos os membros do Conselho Zonal, junto com muitos líderes menos importantes, haviam fugido para a Tunísia em busca de segurança. A 10ª Divisão, de Massu, tinha conseguido eliminar virtualmente o potencial da FLN para ação direta em Argel. Algumas estatísticas dão uma indicação da extensão dos danos sofridos pela ZAA: após apenas quatro semanas da contra cam-

panha de Massu, 23 pistoleiros, 51 chefes de células terroristas e 174 coletores de impostos da FLN haviam sido presos; por volta de setembro de 1957, mais de 3.000 membros da ZAA estavam mortos e mais de 5.000 muçulmanos eram mantidos em campos de prisioneiros; e quase 40% da população masculina da Casbah havia sido interrogada.

Poderia parecer, certamente, que a Batalha de Argel fora desastrosa para a causa rebelde. A campanha de terror alienou a opinião pública francesa durante anos. Levou à introdução dos pára-quedistas de Massu na cidade. Forçou as autoridades a suspender os direitos civis normais dos muçulmanos. Resultou, finalmente, no esmagamento da ZAA.

E, entretanto...

- **Interrogatório e Tortura** - Um exército pode racionalizar as contravenções institucionalizadas das Leis de Guerra, declarando que:

... a questão crítica não é a de quem estava certo mas o que era certo. Esta é uma forma de encarar que os combatentes intensamente empenha dos não podem tolerar. Eles devem estar certos e o que está certo é o que funciona.

Para mim, este argumento é capcioso. As sementes do erro que estes métodos ilegais plantaram no Exército francês levaram à realização de tentativa do Golpe dos Generais, em 1961, e foram a origem da OAS (organização terrorista francesa secreta que tentou prejudicar a política argelina do General De Gaulle. Os membros da OAS eram particularmente militares franceses).

- **Controle da População** - Certamente, graças ao Sistema *llot*, os franceses puderam localizar qualquer habitante da Casbah em questão de minutos. As lojas ficaram abertas durante o período de greve geral. A entrada e a saída controladas da parte muçulmana da cidade facilitou a identificação dos terroristas. Cada edifício era eficientemente vigiado pelos agentes secretos de Massu. Entretanto, estes são métodos de um estado policial. Acreditar que

um povo concordará permanentemente com as condições de 1984, de Orwell, é ignorar milhares de anos de história.

• **Quadriculação** - A eficiência desta técnica foi descrita anteriormente. Entretanto, quando aplicada a todo o país, os franceses descobriram que muitas vezes uma dúzia de guerrilheiros podia forçar ao emprego de muitas companhias. Apesar de atingir a proporção de 10 para 1, os franceses verificaram que a segurança permanente era impossível de manter. Mesmo em Argel, quando a 10ª Divisão foi retirada, em setembro de 1957, houve um ressurgimento de atividades terroristas.

Dispensa demonstração o fato de que esse sistema é financeiramente custoso. Entretanto, havia também outras despesas. O emprego desta técnica exigia a presença de milhares de convocados em além-mar. Mesmo durante o conflito na Indochina, isto não fora necessário. O efeito final dessa política sobre o apoio popular para o esforço de guerra foi muito semelhante à experiência americana no Vietnã.

• **Considerações Políticas** - O estudo da Batalha de Argel pela liderança da FLN resultou em uma mudança de seu conceito estratégico.

A FLN decidiu deixar de se basear numa insurreição geral dentro da Argélia e se apoiar na manutenção de um impasse militar e no exercício de pressão diplomática sobre os franceses a fim de negociar um cessar-fogo com base na independência argelina.

A História nos mostra a sabedoria dessa mudança de estratégia.

Do lado francês, o triunfo de Massu sobre a rede rebelde deu a energia cinética necessária ao esforço de pacificação e criou uma sensação de vitória final. Argel permaneceria francesa! Esta sensação colaborou para o desenrolar dos acontecimentos de 13 de maio de 1958. Nesse dia, o exército e a população de *colons* de Argel, sentindo que o Governo Gaillard em Paris havia se tornado demasiado flexível a respeito da questão de

independência argelina, organizou demonstrações que resultaram na queda da Quarta República e no retorno ao poder do General Charles de Gaulle. Após certa vacilação, De Gaulle, concluindo que um estado argelino independente era inevitável, iniciou o processo que resultou nessa independência em 1962.

Deve-se dizer que Massu cumpriu sua missão. Mas, considerando os custos financeiro, político e moral de seus métodos, conclui-se que o preço foi demasiado elevado.

Nota explicativa: A Argélia, oficialmente República Democrática e Popular da Argélia, localizada no norte da África, foi colônia da França de 1830 até 1962. Em 1945, em razão da ocupação francesa, houve o primeiro levante popular a favor da libertação, momento no qual se iniciou a organização do movimento anticolonial Frente da Libertação Nacional (FLN). A luta pela independência estendeu-se de 1954 a 1962, entre a FLN e os colonizadores franceses. Destes, que foram apoiados por ações militares da França, surgiu a Organização do Exército Secreto (OAS), que se opunha à emancipação. Em março de 1962, através dos Acordos de Evian, o presidente francês Charles de Gaulle reconhece a independência argelina.

* * *
EM DEFESA DO BRASIL